

A VIAGEM DO CORSÁRIO INGLÊS ANTHONY KNIVET AO MAR DO SUL E SUA PASSAGEM PELO VALE DO RIO PARAÍBA (1591-1597)¹

GIOVANNA LOUISE NUNES²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar a viagem do corsário inglês Anthony Knivet ao mar do sul entre os anos de 1591 e 1597, que atingiu a região do Rio Paraíba do Sul, no trecho paulista, utilizando-se de sua navegação para alimentação e entrada aos sertões. A navegação do Rio Paraíba do Sul e as entradas para os Cataguás se deram após sua prisão e submissão à família Correia de Sá. Logo, viveu em condições de escravidão sobre o controle de Martim de Sá e, ao contato com os indígenas, serviu de reforço para o descimento indígena e incursão às minas, uma vez que os boatos da presença de metais como prata e ouro já haviam penetrado no imaginário europeu e português na América.

PALAVRAS-CHAVE: Viajantes estrangeiros; corsário inglês; navegação do Rio Paraíba do Sul; sertão dos Cataguás.

ABSTRACT

THE JOURNEY OF THE ENGLISH PRIVATEER ANTHONY KNIVET TO THE SOUTHERN SEA AND HIS PASSAGE THROUGH THE VALLEY OF PARAIBA RIVER (1591-1597)

This paper presents the journey of the English privateer Anthony Knivet to the South Sea between the years 1591 and 1597, which reached the region of Paraíba do Sul, in Sao Paulo stretch, using his sailing to feed and entry hinterlands. Sailing along Paraíba River and the entries to Cataguas occurred after he was arrested and lived in submission to the family Correia de Sá. He lived in condition of slavery under the control of Martim de Sá and his contact with the Indians served as reinforcement for the Indian incursion to mines, since rumors of the presence of metals such as silver and gold had penetrated in the European ideal in America.

KEYWORDS: Foreign travelers. English privateer. Sailing. Paraíba do Sul River. Wilderness of Cataguas.

¹ Artigo submetido à avaliação como certificação da conclusão de disciplina no regime de aluno especial no Mestrado em História Social da Universidade de São Paulo.

² Mestranda em História pela Universidade Federal de São Paulo (2013-2015). E-mail: louise.giovanna@gmail.com

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa trata uma temática ainda pouco estudada nos estudos regionais, que são os relatos de viagem como fonte de pesquisa e material de compreensão para o estudo da cartografia. Em específico, trata-se de uma análise das crônicas de viagem do corsário² inglês Anthony Knivet entre os anos de 1591 e 1597, desde sua saída da Inglaterra à incursão ao interior de São Paulo, chegando ao sertão dos Cataguás.

Nesse aspecto, tem-se como objetivo verificar a utilização do rio Paraíba que corta o interior de São Paulo, apontado como principal rota para os aventureiros, bandeiras, entradas e descimentos indígenas, rumo às minas durante o ciclo de exploração do ouro. Conforme sua crônica de viagem, o corsário inglês, após ser capturado pelos portugueses, ficou submetido ao trabalho escravo e às ordens da família Correia de Sá, cujo descendente Martim de Sá, em 1597, adentrou o interior paulista para verificar a presença de metais e indígenas.

O caminho dessa incursão perpassa todo o vale do Paraíba e atinge a região dos Cataguás.

Depois que passamos por essa montanha chamada Paraíba³, viajamos através de um tipo de planície pantanosa onde havia grande quantidade de canibais chamados puris. [...] depois que atravessamos aquela montanha, viajamos por quatro dias até chegarmos ao rio Paraíba, onde conseguimos muito peixe, mas nada além disto para comer (KNIVET, 2007, p. 97-98).

Esse foi um exemplo dos dados que o historiador Teodoro Sampaio (1978) classifica como contribuição à geografia do país. O rio Paraíba é mencionado no relato como fonte de alimentação e rota de navegação.

Apesar das críticas à narrativa de Knivet, neste caso fica evidente a localização por se tratar da nomeação dos povos que habitavam o vale naquela época, como os puris. Outro fator que nos traz a prova é o aproveitamento da rota indígena que hoje é

² A denominação de corsários se aplica aos contrabandistas, piratas que são legalizados pela coroa, ou seja, são contratados pelo Estado para fazer os saques, os roubos ou pilhagens, diferentemente dos piratas, que são ilegais e fazem isso sem a autorização da coroa. Vale lembrar que alguns corsários são considerados até heróis nacionais, como Francis Drake.

³ Do original *Pareeva*.

chamada de Caminho Antigo do Ouro, formado pela estrada real Taubaté–Parati (MARIOTTO, 2008-2009). Esse caminho consta em documentos inéditos do período⁴, que incluem os pontos de referência geográfica e as tribos indígenas, além de trazer apontamentos sobre como funcionava o comércio do vale com o Rio de Janeiro e Parati.

A análise de crônicas de viajantes pode impor alguns riscos, como o conflito de datas, quando as ocorrências da viagem podem ser encontradas em outros relatos, o que leva a dúvidas se postas de maneira diferente; a mentalidade, ou seja, quem escreveu o relato, se foi de próprio punho ou ditado; o meio social, com relação à escrita, se procedeu no próprio território de visita, prospecção (neste caso, a colônia portuguesa), ou se foi escrito na Europa. E, se escrito na Europa, outros fatores incidem, como a possibilidade de ser utilizado como instrumento de governabilidade, como será discutido ao longo do artigo.

Esses pontos levam os pesquisadores a uma série de questionamentos que não são atuais. No século XIX, com Capistrano de Abreu, há a crítica sobre a veracidade ou não da crônica do marinheiro de Cavendish; já no século XX, Teodoro Sampaio defende um estudo mais aprofundado da narrativa de Knivet, afirmando que a nomenclatura presente na obra não a qualifica como um documento importante para a compreensão da história colonial no final do primeiro século da conquista.

[...] quando assegura ter visto uma sereia, somados a alguns problemas de encadeamento cronológico e de orientação geográfica, entre outras pequenas estranhezas que este texto quinhentista nos traz, fizeram Capistrano de Abreu afirmar que o livro de Knivet é “um misto de observação, de credulidade, quiçá de mendacidade ou apoucada inteligência”. Contra esse juízo, Teodoro Sampaio sustenta que a narrativa de Knivet não foi estudada “por ser tachada de inverídica, confusa ou mentirosa”, uma avaliação injusta, pois segundo ele, Knivet redigiu “um documento de não pequeno valor para a nossa história do primeiro século da conquista”. Cabe ao leitor saber que partido tomar (KNIVET, 2007, p. 24).

O que dificulta o estudo é a pouca quantidade de relatos que chegaram até os nossos dias. Soma-se a isso a rudimentar produção europeia do período colonial, elaborada sob a ciência da época, de forma rudimentar, e o fato de que a produção de crônicas é associada

⁴ Arquivo Félix Guisard Filho, em Taubaté.

ao interesse de expedições científicas ou a serviço da coroa.

Foram as novas, as “fofocas” propagadas por tais homens que, em larga medida, alimentaram os mapas então cuidadosa e penosamente traçados, que guiaram os armadores e mercadores nos seus investimentos e alimentaram as suas expectativas de lucro, que deram às coroas a dimensão das suas novas conquistas; foram tais, em suma, que num primeiro momento ofereceram ao pequeno círculo de interessados no tema os contornos da ainda obscura América (FRANÇA, 2012, p. 25).

Ainda sobre o efeito que produzem esses relatos, ou mesmo as “fofocas” sobre a colônia portuguesa nos estados modernos europeus, verifica-se que há interesse estrangeiro em “partilhar” dessa exploração colonial, dada a presença francesa no Rio de Janeiro, holandesa no Nordeste e inglesa na Amazônia. Tem-se como exemplo os boatos de haver escoamento de ouro no porto de Santos, um dos motivos da vinda do experiente Thomas Cavendish para o mar do sul, com o objetivo de saquear a vila.

A curiosidade sobre terras distantes e homens que viviam de forma distinta aguçou espíritos aventureiros, negociantes e pensadores, se pensarmos principalmente nas viagens feitas por ocidentais. Alguns relatos de viagem são, dessa maneira, textos muito influentes e, por conseguinte, mobilizadores (JUNQUEIRA, 2011, p. 49).

A citação acima faz menção à curiosidade aguçada pelas notícias, lendas e mitos construídos na colônia durante o processo de colonização e interiorização do território. As lendas de possíveis minas de prata, assim como as encontradas na América espanhola, e a busca constante por metais preciosos mobilizavam muitos europeus, a ponto de se embrenharem em terras desconhecidas.

A possibilidade de encontrar ouro ou prata, mais a facilidade narrada nos relatos ao chegar às vilas, por não possuírem fortificações, e o contexto europeu de conflitos entre os países como Espanha e Inglaterra, acirravam a busca pela ampliação do poderio no mar.

[...] a política europeia nas duas últimas décadas do século XVI estava polarizada entre católicos, liderados por Felipe II, rei da Espanha e Portugal, e protestantes, tendo como figura de proa a rainha Elisabete I e sua política de expansão marítima (KNIVET, 2001, p. 9-10).

A citação acima lembra o período da União Ibérica⁵, que, tendo o rei Felipe II no trono de Portugal e Espanha, trouxe conflitos com os Países Baixos, além de fazer com que as nações inimigas da Espanha invadissem a colônia portuguesa. É nesse contexto que é preparada a vinda dos ingleses para o litoral sul do Brasil.

1 UM CORSÁRIO INGLÊS, UM PORTO SEM FORTIFICAÇÃO E A ÂNSIA PELO OURO

O objetivo de Cavendish e Knivet era chegar ao porto de Santos, saquear a vila e depois seguir para o estreito de Magalhães. Mas antes disso, o relato dá conta da rota marítima: a saída de Plymouth, na Inglaterra, em 26 de agosto de 1591, buscando desviar o máximo dos mares de Portugal e chegar ao território colonial. Uma viagem que tinha motivos para dar certo, mas trouxe desespero e entregou à desgraça o jovem Knivet.

Cavendish, um experiente navegador, fazia sua segunda viagem ao mar do sul e pretendia com ela recuperar suas finanças. Já Anthony Knivet, jovem de ascendência nobre, mas filho ilegítimo de Sir Henry Knivet, não herdaria diretamente os bens do pai, e resolveu se lançar à carreira militar. Com as economias que guardava resolveu investir nessa empreitada que para o capitão teve um desfecho trágico, e para Knivet significou a busca pela sobrevivência diária e os infortúnios da vida na colônia (KNIVET, 2007, p. 15).

Como mencionado anteriormente, a rota teria como um dos pontos principais o porto da vila de Santos e, na sequência, o estreito de Magalhães. Seu contato por mar com a colônia inicia-se por Cabo Frio, onde fica sabendo a localização de Santos e do Rio de Janeiro. Resolveu seguir para a Ilha Grande, pois lá poderia abastecer o navio e saquear objetos que lhes seriam úteis para seguir viagem.

Depois de passar pela Ilha Grande, em seguida pela Ilha de São Sebastião (atual Ilhabela), apressou-se para o sul para chegar

⁵ A União Ibérica durou de 1580 a 1640, tornando Portugal e Espanha um só reino. Esse episódio ocorreu quando o rei jovem português Dom Sebastião desapareceu na batalha de Alcácer-Quibir. Sem sucessor, seu tio-avô, o cardeal Henrique, assumiu o trono, mas veio a falecer pouco tempo depois. Com isso, o rei da Espanha Felipe II, sendo neto do falecido do rei de Portugal Dom Manuel I, se candidata a vaga. Pressiona o exército para exercer esse direito e assume o poder. Esse fator foi positivo para as finanças espanholas que estavam quebradas por causa dos gastos de conflitos militares.

ao porto de Santos.

Não era sem razão, e até parece que obedecia a plano bem combinado, essa preferência do corsário inglês pela vila de Santos. Ao tempo desses sucessos, era esta localidade o melhor porto e certamente o estabelecimento mais importante dessa parte meridional do continente do lado do Atlântico, ao sul do Rio de Janeiro. Como estação de refresco para uma expedição que visava o Estreito de Magalhães e o Oceano Pacífico, Santos não só oferecia condições desejadas, como até era o único porto a servir para tal mister. Sabiam-no bem os ingleses, pelas relações de comércio que entretinham com esse porto, desde antes da sujeição de Portugal à Espanha: sabiam-no por informações seguras de gente da nação, há muito domiciliada nessa localidade, e também pelos sucessos, ainda recentes e bem conhecidos, da expedição de Eduardo Fenton (SAMPAIO, 1978, p. 347-348).

Os corsários ingleses, muitas vezes lembrados nos relatos de Anthony Knivet, falam da facilidade que encontraram para tomar e saquear Santos e outras ilhas pelas quais passaram, pois além de não haver fortificações, acusam os portugueses de “medrosos” ou “preguiçosos”, por não reagirem ao ataque inglês, pois se quisessem, até mesmo em pequeno número, os deteriam.

Mas durante a estada em Santos, que durou cerca de dois meses, houve um alarme da investida dos portugueses aos corsários, o que não passou de falso alarme, mas serviu de aviso para um possível ataque.

O episódio em que dois indígenas aparecem no quarto do capitão Cavendish reforça a ideia da criação do imaginário “sanguinário” do português, ao preferirem ajudar os ingleses, contra os colonizadores que os oprimiam.

Após o saque de Santos, Anthony Knivet é capturado e sua saga prossegue até a Patagônia. Depois de preso fica à disposição da família Correia de Sá, que em sua crônica é denunciada por mantê-lo em regime de escravidão, em condições precárias, a trabalhar no engenho na moagem e transporte do açúcar. Esse período, que poderíamos denominar de cativo, durou de seis a sete anos.

Knivet afirma em seu relato que esse período serviu para que fizesse “amizade” com os indígenas, principalmente os que não se davam com os portugueses. Dizia ser de fácil adaptação, aprendia o tronco linguístico indígena, se preciso fosse falaria francês, para escapar dos índios antropófagos. Mas desde o momento em que foi

capturado até antes da incursão aos sertões, vivendo em condições subumanas, afirma: “preferi colocar-me nas mãos da piedade bárbara dos selvagens devoradores de homens do que a crueldade sanguinária dos portugueses cristãos” (KNIVET, 2007, p. 9). Uma afirmação um tanto curiosa, pois, em outras obras como a de Frei Bartolomeu de las Casas – *Brevíssima relação da destruição das Índias* – são denunciados os maus tratos sofridos pelos indígenas da América hispânica, enquanto na portuguesa os indígenas eram vistos como selvagens e os portugueses os mais tolerantes. Isso faz parte do imaginário geográfico construído a partir dos conflitos entre os países europeus, que condena o modelo de colonização espanhol e conseqüentemente o português, já que agora os dois faziam parte de um só reino. Os Países Baixos vão se “revoltar” justamente por isso, os maus tratos sofridos pelos indígenas na América.

Juntamente com a construção do imaginário colonial produzido na Europa do cotidiano, conflitos e lendas da colônia, a figura do possível Eldorado não saía da mente dos aventureiros e os boatos de que poderia haver ouro nas proximidades de Santos os moviam para cá.

Quando chegou ao porto de Santos, Knivet soube que havia sido encontrado ouro nas proximidades, mais em pouca escala. Essa exploração realizada na Capitania de São Vicente era pouco rentável, mas não diminuía a ânsia pela busca dos metais e escravos indígenas, em que Knivet vai atuar sob uma entrada organizada por Martim de Sá. Nesse momento o corsário inglês tinha suas funções voltadas ainda para a produção de açúcar, acrescentando o contato com as tribos indígenas que vendiam seus prisioneiros de guerra de aldeias rivais para o comércio de escravos indígenas.

Esse comércio de escravos indígenas teve como caminho até o sertão aurífero o vale do rio Paraíba, aprisionando por essa região um grande contingente de cativos e seguindo sertão a dentro, pois a quantidade de mão de obra estava em esgotamento.

2 ANTHONY KNIVET E A REGIÃO DO VALE DO RIO PARAÍBA

O marinheiro de Cavendish viveu a serviço e submissão da família Correia de Sá por quase uma década. Foi durante esse período que Knivet adentrou os sertões e conseqüentemente passou pela região do vale do Rio Paraíba, citada várias vezes no relato, pelos caminhos indígenas da Serra do Mar.

Knivet embrenha-se pelo sertão, por lugares nunca antes pisados por um europeu, entrando em contato com tribos desconhecidas e negociando escravos que serão usados nos engenhos e em trabalhos domésticos. Suas entradas pelo interior do Brasil, seguindo rotas indígenas e caminhos desconhecidos, são viagens de exploração em busca de minas de ouro e pedras preciosas, que se incrementaram no governo de d. Francisco de Souza (KNIVET, 2007, p. 20-21).

A facilidade de adaptação e contato com os povos indígenas permitiu a Knivet um relativo sucesso, como o apontado em suas crônicas e em outros documentos, como o inventário realizado a pedido de Martim de Sá sobre despesas, no qual podemos verificar a seguinte passagem:

O objetivo de Martim de Sá era a compra de escravos por missangas e ferramenta; mas, apesar de os Guaianazes serem muito dados a esse comércio, a ponto de venderem suas próprias mulheres e filhos, na ocasião encontravam-se em extrema escassez. Por isso Martim de Sá resolveu enviar Knivet, com oito de seus escravos, aos Puris, gentio amigo dos contrafortes da Mantiqueira, cujo morubixaba acolheu muito bem o emissário e, depois de recebidas as dádivas de Martim de Sá, lhe entregou setenta escravos, fazendo-os acompanhar por trezentos frecheiros até a outra banda do Paraíba, rumo ao litoral (PROCESSO, 1937).

Ainda sobre o caminho dos Guaianazes, segundo o relato de Knivet, havia sido prometido a ele um escravo para realizar trabalhos para o inglês quando retornando ao Rio de Janeiro. Mas o prometido não aconteceu. Continuou a cumprir suas entradas.

As datas das entradas seguem ainda com alguns espaços a serem preenchidos durante as análises dos documentos de viagem e cartoriais, como é o caso do inventário solicitado pela família Sá. Isso aponta a um conflito de datas constante e de “versões”. Como o objetivo deste artigo é a verificação do caminho e da utilização do rio como transporte e alimentação para os viajantes, prevalecem as relações de cruzamentos dos dados. Assim, as datas funcionam aqui como acessórias à análise, apenas como guia temporal dessas entradas paulistas.

Em 1593, em seu inventário, Martim de Sá descreve sua entrada no sertão ao lado de Knivet. Mas, suas expedições pela região ganham mais força dois anos depois, em 1595, por um fator pessoal. Após uma discussão com sua madrasta o jovem é enviado

pelo pai a fazer o caminho dos Guaianases, que ia de Angra dos Reis a Cananéia (do Rio de Janeiro à região de São Paulo), com o intuito de apresamento de indígenas e reconhecimento local e de seu gentio. Nesse momento, o objetivo era retornar à Ilha Grande, onde estavam fixados, e após o contato com os Puris próximo à Mantiqueira, quarenta dias depois de dobrar o rio Paraíba, retornou à Ilha Grande.

No inventário mencionado de Sá, já é sem tempo relatada a escassez de indígenas, mesmo aqueles que eram ligados ao comércio escravo, chegando a vender seus filhos e mulheres. Quando Knivet seguia viagem verificava que a disponibilidade de escravos cativos diminuía, por isso a incursão ao interior do território da colônia.

Na entrada de 14 de outubro de 1597, com a bandeira em regra, seguiram juntamente a Sá e Knivet, o também inglês Henrique Banaway, além de um capelão, muitos moradores e colonos do Rio de Janeiro. Knivet comenta que, partindo de Parati para o sertão, a oeste verificava um grande número de canoas a navegar entre as ilhas e a terra firme, o que leva a crer em um comércio entre os moradores do Rio de Janeiro e as cidades do litoral norte paulista e o vale do rio Paraíba.

3 RIO PARAÍBA COMO TRAJETO NOS RELATOS DE KNIVET

O rio Paraíba está localizado entre as serras do Mar e da Mantiqueira, no corredor chamado vale do rio Paraíba. Por sua posição de destaque, serviu de rota para muitas incursões ao território, sendo utilizado por muitos aventureiros desde 1560 para a navegação rumo ao sertão, onde haveria rumores da presença de ouro.

Embora as datas sejam ainda imprecisas, podemos destacar algumas incursões como a comandada por Brás Cubas em 1561. Há dúvidas quanto ao seu local de saída, se seria de Santos ou São Paulo, mas sua rota segue passando por Mogi das Cruzes, em seguida descendo pelo rio Paraíba até a paragem de Cachoeira, onde encontrou o caminho que atravessava a serra da Mantiqueira, rumo ao sertão dos Cataguás. A entrada funcionava como parte na guerra e caça ao indígena e interesses da coroa na possível descoberta de metais (LIMA, 2011, p. 56).

Já na década de 1580, depois de muitas incursões conhecidas ou não, a “conquista” da região do vale foi finalizada, mas isso não significa que a exploração da região tinha chegado ao

fim, como apontado por Santos (2011):

Uma vez amenizado o problema dos ataques inimigos, buscou-se conhecer cada vez mais as potencialidades naturais do local visitado e de suas redondezas. Talvez por isso que se ainda mantinham em alta as incursões (LIMA, 2011, p. 57).

E com isso, passam pela região outras entradas com o intuito de verificar se procediam os rumores de haverem sido encontrados metais nos sertões dos Cataguás, como a de 1596, com João Pereira de Sousa Botafogo. No ano seguinte, em 1597, o corsário inglês Anthony Knivet e Martim de Sá também percorreram a região até o sertão. Essa entrada perdurou mais tempo, enquanto as anteriores com a participação de Knivet funcionavam como uma espécie de prospecção da região.

É interessante ressaltar que por conflitos de datas e de possíveis entradas, poucos fatos foram afirmados. Como citado anteriormente, ao decidirmos tratar da viagem de Knivet ao vale do rio Paraíba, levamos em consideração os dados que chegaram até nossos dias para a orientação geográfica do período e o relato de viagem como instrumento de governabilidade, neste caso, servindo à Inglaterra.

Retomando o rio Paraíba e sua utilização durante a entrada e ocupação do território, vale lembrar que por sua posição geográfica estratégica entre as serras e por cortar grande parte das terras da região, se tornou um rio muito importante e carregou esse “título” durante muitos anos.

A importância deste rio foi creditada à considerável influência exercida na ocupação da área – o que se verá a seguir – e que, aliás, muitos anos mais tarde, ainda era tido como um dos rios de maior relevância. Vale lembrar que a referência dada aqui à ocupação diz respeito tanto aos silvícolas, que há muito habitavam o local, quanto aos brancos que progressivamente foram se instalando logo depois da década de 1620. Porém, antes mesmo de qualquer indício de fixação da população branca no médio vale do Paraíba, a atração exercida por este território chamou atenção de muitos aventureiros que por aí transitavam (LIMA, 2011, p. 55).

Essa importância pode ser vista nos relatos de Knivet, quando este segue ao encontro dos indígenas que possam ser levados como escravos em outras vilas, inclusive em Piratininga, justamente em razão da escassez de mão de obra em torno da vila.

Durante a entrada na região, vindo da Serra do Mar, temos como referência a navegação no rio Paraibuna, que deságua no Paraíba, como aponta o relato:

Depois disso voltamos a viajar através das montanhas por uns quarenta dias até que chegamos a um rio muito largo chamado Paraibuna. Atravessamos esse rio com umas coisas feitas de caniços amarrados com cipós que os portugueses chamam de jangadas. Levamos quatro dias para poder atravessar esse rio, já que era tão largo e tinha uma correnteza tão forte (KNIVET, 2007, p. 96).

Com isso verificamos que a região atingida é fronteira às possessões valeparaibanas, a entender que o rio Paraíba faria parte dessa rota. Para o historiador Teodoro Sampaio, o jovem Knivet estaria próximo ao atual município de São José dos Campos, navegando no sentido do Rio de Janeiro.

Após afirmar que atingindo o rio Paraíba encontrou-se com os Puris e teve possibilidade se alimentar, continuou a viagem por mais sete dias à aldeia, encontrando alimentos como ervilhas, milho e mandioca. Seguiu então até completar o rio.

Em um dia passamos o Paraíba e no dia seguinte continuamos viagem para a aldeia de que os Puris nos tinham contado. Levamos sete dias entre o rio e a aldeia, mas quando lá chegamos, encontramos somente mulheres (KNIVET, 2007, p. 99).

Nesse trecho, ele alerta mais uma vez sobre a escassez de mão de obra indígena. Ao encontrar somente mulheres na aldeia, ele questiona o porquê da falta dos maridos. As mulheres da aldeia afirmaram que seus maridos haviam ido guerrear com os Tamoios e muitos não retornariam.

Tanto a escassez de mão de obra, que impulsionava o descimento indígena para abastecer o mercado escravo e as incursões que foram crescendo ao longo dos anos, permitiu o uso do rio Paraíba como recurso ao desbravamento das terras.

Sendo um rio importante, deve essa nomeação a sua posição geográfica estratégica e sua extensão que compreende quase todas as cidades do vale do Paraíba.

Neste caso, foi analisada sua utilização durante as entradas realizadas por Martim de Sá com a ajuda de Knivet, cujo relato, guardadas as devidas críticas, pode servir como base à geografia colonial e a criação de uma cartografia de viagem, com as análises dos recursos hídricos utilizados que cortam nosso território e a região valeparaibana.

CONCLUSÃO

Apesar da pouca documentação referente ao período colonial sobre a navegação do rio Paraíba, tem-se a partir dos relatos de viajantes e entradas ou bandeiras, referências do que foi o rio e sua contribuição para a ligação com o sertão dos Cataguás.

É de costume tanto nas Monções verificarmos o uso dos rios como o Tietê, no Piratininga para as entradas para a região do Cuiabá, com a utilização e comércio de canoas, assentamentos, criação de animais e roça para o abastecimento da região. Como marca principal, no vale do rio Paraíba não seria diferente. Verifica-se um comércio não somente de escravos, mas também de alimentos e transporte deles através do Paraíba.

Além disso, suas margens eram muito bem aproveitadas, pois em um dado período do ano, na sua cheia, ele transborda e umedece as terras ao redor, permitindo a prática da agricultura.

Esses fatores tornam a região atrativa e propícia ao abastecimento, servindo de rota para as incursões, que desde 1560, vasculham com o intuito de fazer o reconhecimento da região e dos nativos, tornando o rio Paraíba importante durante os anos verificados na pesquisa e permitindo com isso o deslocamento não somente de brancos, mas também de outros indígenas para ocupar a região.

Esse processo fica mais intenso até 1640, principalmente na região onde seria formada a vila de Taubaté. E os muitos relatos de viajantes e bandeirantes que por vezes partindo da vila foram formar muitas cidades mineiras e nessas descrições falam do intenso fluxo de povoadores passando pela região.

A precisão dos dados fica comprometida, uma vez que se encontra em algumas documentações o aproveitamento dos nomes indígenas aos pontos de referência geográfica como rios, mares e serras, que parecem se repetir em outras localidades. Bem verdade, não pode ser esquecido que a nomenclatura dada coincide, porque as semelhanças geográficas desses pontos recebiam o mesmo nome.

O caso do corsário Anthony Knivet é um estudo específico sobre a viagem e a produção de sua crônica, ainda no primeiro século da colonização. Passível de questionamentos sobre a veracidade de sua escrita, traça um panorama dos comportamentos indígenas da região do vale do rio Paraíba e o relacionamento entre eles e os portugueses, bem como o funcionamento do comércio de escravos.

Outros viajantes também passaram pela região, mas o interessante do relato se dá na quantidade de informações apresentadas, o enfoque na construção do imaginário da colônia, e levanta uma questão: até onde se pode dizer que havia um interesse por parte do escritor do relato em promover esse imaginário? Ou mesmo, nas reedições do livro há possibilidade de um “ajuste” que levaria a essa interpretação?

A discussão sobre a originalidade do relato que chega até os dias de hoje é pauta para muitas discussões e não cabe a este artigo a função de esgotá-las. Mas cabe a interpretação da contribuição do rio mais importante para a região do vale utilizado como um recurso a serviço do território, da povoação e da exploração dos metais.

REFERÊNCIAS

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII*: antologia de textos – 1591–1808. Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: Unesp, 2012.

JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris Scatena. *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Humanitas, 2011. p. 49.

KNIVET, Anthony. *As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Knivet (1591)*. Organização, introdução e notas: Sheila Moura Hue. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LIMA, Leandro Santos de. *Bandeirantismo paulista: o avanço na colonização e exploração no interior do Brasil (Taubaté, 1645 a 1720)*. São Paulo, 2011. Dissertação [Mestrado] – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

MARIOTTO, Lia Carolina Prado Alves. Em busca de um roteiro esquecido: o caminho entre as vilas de Parati e Taubaté. *Filol. Linguíst. Port.*, n. 10-11, p. 317-344, 2008/2009.

PROCESSO relativo às despesas que se fizeram no Rio de Janeiro por ordem de Martim de Sá, para defesa dos inimigos que intentavam cometer a cidade e porto (1628-1633). *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, v. 59, 1937. Disponível em: <objdigital.bn.br/acervo.../anais/anais_059_1937.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2013.

SAMPAIO, Teodoro. *São Paulo no século XIX e outros ciclos históricos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

